



MOTIVAÇÕES E EXPECTATIVAS NA REALIZAÇÃO DE INTERCÂMBIO ACADÊMICO EM ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Fernanda Silva Teodoro, Mestranda

festeodoro@hotmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Júlio Eduardo Ornelas Silva, Doutor

julioornelas@yahoo.com.br

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Pedro Antônio de Melo, Doutor

pedro.inpeau@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

RESUMO

O intercâmbio acadêmico insere-se no contexto da globalização pelo qual os países vem passando, com maior intensidade, a partir do século XX. Além da troca de mercadorias e fluxo financeiro entre as nações, a globalização é uma oportunidade, também, para a troca de conhecimentos e experiências, sendo uma oportunidade às nações em desenvolvimento, de ter contato com inovações, por meio de seus cidadãos. As Instituições de Educação Superior possuem o papel de principais fomentadoras do intercâmbio acadêmico, ao oferecer estrutura para a recepção de estrangeiros, ou auxiliar a ida de seus acadêmicos ao exterior. De forma a conhecer os fatores que podem influenciar no intercâmbio acadêmico, este artigo objetiva conhecer as motivações para a escolha do país e do programa de realização do intercâmbio, as expectativas e se foram concretizadas ou superadas. Caracterizando-se como essencialmente qualitativa e descritiva, a pesquisa ocorreu por meio de um estudo de caso na Universidade Federal de Santa Catarina, com a aplicação de questionários a acadêmicos de um curso de graduação, que após, foram analisados à luz das bibliografias abordadas. Como resultados, foi possível observar que o aprendizado de uma língua estrangeira é a principal motivação para a realização de um intercâmbio, e, conseqüentemente, compõe as expectativas dos acadêmicos. Em geral, as expectativas foram atendidas ou superadas, sendo que as experiências internacionais enriqueceram o currículo dos acadêmicos.

Palavras-Chave: Gestão Universitária. Internacionalização. Intercâmbio Acadêmico. Educação Superior.

ABSTRACT

Student Mobility inserts in the globalization that countries have been experiencing more intensity since the twentieth century. Besides the exchange of goods and the financial flow between nations, globalization is also an opportunity for exchange of knowledge and experience, being also an opportunity for developing nations to have contact with innovations, through their citizens. Higher Education Institutions have the main role of fomenting student mobility by providing structure for the reception of foreigners or by helping their students go abroad. In order to know the factors that can influence student mobility, this article aims to know the motivations for the choice of the country and the exchange program, the expectations and whether they have been fulfilled or overcome. Characterized as essentially qualitative and descriptive, the study was carried out through a case study at the Universidade Federal de Santa Catarina, with the application of questionnaires to undergraduate students, which were analyzed in the light of the bibliographies. As results, it was possible to observe that the learning of a foreign language is the main motivation for the exchange, and, consequently, it composes the expectations of the academics. In general, the expectations were attended or exceeded, and the international experiences enriched the students curriculum.

Keywords: University Management. Internationalization. Student Mobility. Higher Education.

1 INTRODUÇÃO

As universidades, desde a Idade Média, já eram internacionalizadas, pois o propósito nessa época era adquirir novos conhecimentos e propiciar novas experiências em diferentes partes do mundo (STALLIVIERI, 2004). A globalização, no contexto da educação, requer que os trabalhadores possuam competência que os permita circular por diversas culturas, falar outros idiomas, pensar globalmente e criar estratégias de internacionalização (DOS SANTOS SILVA; LIMA; RIEGEL, 2013).

As instituições devem se internacionalizar visando atender as novas demandas decorrentes do mundo globalizado que, desde o final do século XX, se tornam mais intensas até na atualidade (CASTRO; CABRAL NETO, 2012). As instituições de ensino superior surgem como agentes da promoção e geração do conhecimento, e, dentro da internacionalização, tem o papel de propiciar aos estudantes a chance de realizar vivências internacionais para que esses possam gerar novos conhecimentos. Nesse panorama, sentem-se compelidas a realizar cooperação internacional e reconhecem que por meio dela será propiciado o necessário para o ensino, a pesquisa e a extensão (STALLIVIERI, 2004).

A internacionalização fornece um desafio e uma oportunidade por meio da individualidade de cada país, do sistema de educação e até a instituição em si. É necessário realizar abordagens diferentes para diversas instituições de ensino superior que irão participar do processo de internacionalização (KNIGHT, 2004).

A internacionalização não é apenas a adaptação ao currículo da instituição hospedeira. Faz parte desse fenômeno o bem-estar dos indivíduos, de modo que haja adaptação cultural, de linguagem e etnias. Assim para a efetividade e sucesso da internacionalização todos os envolvidos no processo devem colaborar para que isso ocorra (NEVES; NORTE, 2011).

Ao passo que as instituições operacionalização a internacionalização por meio da mobilidade e intercâmbio, há de se destacar os anseios dos intercambistas, que diretamente vivenciam as experiências. Dessa forma, a pesquisa pretendeu conhecer as motivações para a escolha do país e do programa de realização do intercâmbio, as expectativas e se foram concretizadas ou superadas.

Este artigo está estruturado em cinco seções, sendo esta introdução, a fundamentação teórica, os aspectos metodológicos, a análise de resultados e as conclusões.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Existe constante debate da relação entre internacionalização e globalização, de acordo com Knight (2005). Tanoue e Morilas (2013) explicam que a globalização é um fenômeno de destaque nos últimos anos, que influencia as esferas social, econômica, política e tecnológica. Alcança as instituições de ensino superior, obrigando-as a se adaptar às novas demandas sociais, sendo que as expressões globalização e internacionalização estão intimamente ligadas; porém, a globalização e a internacionalização são diferentes, conforme indicado a seguir:

Globalização e internacionalização são relacionadas, mas não a mesma coisa. Globalização é o contexto das tendências econômicas e acadêmicas que são parte da realidade do século XXI. Internacionalização inclui a política e práticas realizadas por sistemas e instituições acadêmicas e até mesmo por indivíduos para lidar com o ambiente acadêmico globais. As motivações para a internacionalização incluem vantagens comerciais, conhecimento, aquisição de línguas, enriquecimento de currículo com conteúdo internacional, entre outros. Iniciativas específicas, como campi, acordos de colaboração transfronteiriças, programas para estudantes internacionais, estabelecendo programas de inglês de nível médio e diplomas, e outras têm sido postas em prática como parte de internacionalização. Os esforços para monitorar iniciativas internacionais e assegurar a qualidade são essenciais para o ambiente do ensino superior internacional. (ALTBACH; KNIGHT, 2007, p. 290, tradução nossa).

A internacionalização pode ter distintos significados para diferentes pessoas segundo Knight (2005), e, dessa forma, é usada em vários sentidos. Apesar do crescimento e atenção dada à internacionalização, ainda se confunde o que o termo realmente significa. Para alguns, quer dizer atividades internacionais, como mobilidade de estudantes e professores, parcerias e projetos intencionais, novos programas acadêmicos internacionais e iniciativas de pesquisa. Para outros, significa a entrega de educação em outros países, por meio de novos arranjos, como franquias, novos campus e por meio do uso de comunicação pessoal e a distância. Outros entendem como inclusão das dimensões internacional, intercultural e global no currículo, nos professores e no método de aprendizagem. Há também os que a entendem como desenvolvimento de projetos internacionais e aumento na ênfase em intercâmbio internacional na educação superior. A confusão é frequente e há tensão no fato de o termo internacionalização ser utilizado para descrever três tipos de atividades transfronteiriças:

- a) Intercâmbios e parcerias internacionais transfronteiriços;
- b) Empreendimentos comerciais;
- c) Projetos de desenvolvimento internacional.

A concepção de internacionalização no ensino superior para Knight (1997, p. 8) é: “Internacionalização da educação superior é um processo de integração nas dimensões internacional e intercultural no ensino, pesquisa e serviços funcionais da instituição.”. O processo de internacionalização é um processo dinâmico e não isolado, e a interação é a chave quando se quer que a internacionalização seja o objetivo final de uma política ou programa, e não somente mais um item dentro deles.

Algumas condições são necessárias para que ocorra efetivamente a internacionalização, no entendimento de Stallivieri (2004), sendo:

- a) Reconhecer que existem de atores, protagonistas da cooperação;
- b) Os participantes devem estar envolvidos e comprometidos, levando em conta a disponibilidade de recursos humanos e financeiros;
- c) Os objetivos devem estar claramente definidos e coerentes com as estratégias de execução;
- d) Os projetos devem estar contidos no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), das instituições de ensino, intensificando os benefícios e otimizando os níveis de desenvolvimento dos envolvidos;
- e) Devem ser traçadas atividades bem definidas, de modo a obedecer ao cronograma e orçamentos predefinidos
- f) Estipular meios de mensurar o desenvolvimento e as ações realizadas.

Luna (2000, p. 8) afirma que a entrada da universidade no cenário acadêmico internacional é a expressão maior de sua plenitude. “A universidade é uma instituição de criação, divulgação, crítica e promoção dos conhecimentos, das culturas e do saber universal.”. Souto (2004), por sua vez, crê que as Universidades devem proporcionar aos estudantes a oportunidade de se internacionalizar, por meio de programas de intercâmbios, e propiciar que intercambistas venham para o campus, possibilitando diversas oportunidades internacionais, sendo elas culturais, linguísticas e acadêmicas.

Neves e Norte (2011, p. 4-5) defendem ainda que:

A efetividade em um projeto de intercâmbio significa mais que a adaptação ao currículo da instituição hospedeira. Ter comportamento efetivo em um intercâmbio é simplesmente viver feliz e confortável e ter sucesso acadêmico em uma nova forma de cultura. Simples o bastante – desde que competências que levem à efetividade e ao sucesso fluam, não somente do lado dos estudantes, mas de todos os envolvidos no processo.

Knight (1997) indica que o processo de internacionalização não é orientado somente para uma mudança geográfica, mas também uma mudança para diferentes culturas, etnias e

linguagem mesmo dentro de um mesmo país. Knight (2004) complementa que internacionalização gera desafios e oportunidades por meio da individualidade de cada país, do sistema de educação e até a instituição de ensino. São necessárias abordagens diferentes para diferentes instituições de ensino superior que farão parte do processo de internacionalização.

2.1 MOTIVAÇÕES PARA REALIZAÇÃO DA MOBILIDADE ACADÊMICA

Inúmeros estudantes têm preferências ao escolher o destino para realização do programa de intercâmbio. Dentre os motivos para a escolha de um destino estão a qualidade da instituição, a localização do país ou da instituição, a língua vigente no país, a semelhança com o país de origem, a influência de amigos ou de familiares, oportunidades e facilidades (STALLIVIERI, 2009). Esses motivos podem estar relacionados não só com o país, mas também com a motivação para busca da mobilidade em si.

O Ministério do Turismo (2010) descreve alguns estímulos para a escolha do destino sendo: motivação pessoal; desenvolvimento profissional; qualidade das instituições de ensino superior; oportunidade; programas de mobilidade; fatores geográficos, históricos, políticos, linguísticos e econômicos. Como motivações para realização do programa de intercâmbio, também aponta: explorar outros países, descanso e diversão, visita a parentes e amigos, estudar fora, trabalhar fora, voluntariado, curso de línguas e/ou aperfeiçoamento da língua.

De acordo com Richards e Wilson (2003) o motivo principal para que os estudantes escolham certo país e realizem um programa de intercâmbio pode estar relacionado com explorar/conhecer novas culturas, seguido por ter novas vivências, aumentar seus conhecimentos, conhecer pessoas e lugares novos, ter mais contato social e mesmo experiências individuais. Longas viagens tendem a ser uma chance única na vida, e, assim, jovens poupam energia e dinheiro para garantir que a viagem seja dessa forma.

2.2 EXPECTATIVAS E CONTRIBUIÇÕES DO PROGRAMA DE INTERCÂMBIO

Alguns dos motivos apresentados por Richards e Wilson (2003), Ministério do Turismo (2010) e Stallivieri (2009) podem ser considerados como expectativas e/ou contribuições. O Ministério do Turismo (2010) menciona algumas expectativas dos intercambistas tais como, conhecer lugares, novas culturas, diversão (atividades

complementares), aventura e prática de esportes, contato com a natureza, crescimento e desenvolvimento pessoal e profissional e independência.

Dalmolin et al. (2013) entende que o intercâmbio gera uma oportunidade de compreender outras culturas, métodos políticos diferenciados, instituições sociais e possibilita aprender e aprimorar um idioma. Permite crescimento tanto profissional quanto pessoal. Oliveira e Pagliuca (2012, p 196) cita o “desenvolvimento psicológico, autoconfiança, amadurecimento, independência, capacidade de relacionar-se [...]”.

O intercâmbio possibilita contribuições, sendo que Riccio e Sakata (2006) identificaram em sua pesquisa: visão de novos modos de pensamento, aprendizado por meio de diferentes estilos de ensino, enriquecimento do aprendizado, relacionamentos internacionais, aprendizado de novo idioma, interculturalidade, esquecimento do currículo e habilidades para competir em um ambiente global.

Otero (2008) complementa ainda que metade dos intercambistas relata que as mudanças estão relacionadas à carreira e aspirações, mudanças relacionadas a valores pessoais, reportaram enriquecimento do aprendizado, mudança na compreensão de outras culturas e etnias, maior fluência na segunda língua, e, em alguns casos, até na terceira língua, após o programa de mobilidade acadêmica.

Desse modo as expectativas, quando realizadas, se tornam contribuições tanto na vida profissional quanto acadêmica e pessoal dos intercambistas. As experiências vivenciadas e acontecimentos no período fora de seu país de origem podem gerar contribuições como independência, conhecimento de novas culturas e novas línguas, novas amizades e aumento do conhecimento.

3 METODOLOGIA

Os aspectos metodológicos adotados na execução da pesquisa a classificam como qualitativa, pois, na visão de Godoy (1995), não se pretendeu enumerar ou medir as evidências estudadas, assim como não se pretendeu utilizar ferramentas estatísticas para que os dados fossem analisados. Os dados nessa situação são apenas descritivos sobre pessoas, lugares e processos, cuja obtenção ocorreu por meio do contato do pesquisador com a situação estudada, possibilitando compreender as situações a partir da perspectiva dos sujeitos.

Nas palavras de Silva e Menezes (2005), a pesquisa qualitativa considera a existência de uma relação dinâmica entre a realidade e o indivíduo, ou seja, existe algo inseparável entre o mundo real e a subjetividade do sujeito que não pode ser resumido em números. Desse

modo a análise dos fenômenos e a conferência de significados são funções do processo de pesquisa qualitativa. Não é necessário o uso de métodos e técnicas estatísticas. Assim o ambiente natural é a fonte direta de coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Trata-se de uma pesquisa descritiva onde os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. Logo a população estudada tem uma relação que indissociável da realidade não pode ser mensurado numericamente e não se fez preciso o uso de técnicas estatísticas.

Foi adotado na pesquisa deste artigo, também, o registro e o relato de dados sem que ocorram interferências por parte dos pesquisadores sobre os mesmos, possibilitando, assim, definir características dos sujeitos e a relação entre as variáveis, por meio de técnica de coleta de dados utilizada. A pesquisa descritiva é entendida por Gil (2012) como descrição de características de determinada população, fenômeno ou do estabelecimento de relações entre variáveis.

A população da pesquisa consistiu em todos os estudantes do curso de administração da UFSC, que realizaram intercâmbio entre os períodos de janeiro de 2010 a dezembro de 2015. Barbeta (2012) entende que população abrange um conjunto de elementos, e cuja pesquisa busca extrair conclusões válidas. Nesta pesquisa, representou um quantitativo de 102 indivíduos, selecionados de forma não probabilística, e que se utilizou o julgamento dos pesquisadores, de acordo com o que defende Silva e Menezes (2012). Dessa população, e considerando a técnica por julgamento ou intencional embasada por Malhotra et al. (2005), foram selecionados 15 sujeitos graduandos e graduados.

Visando coletar os dados para subsidiar as análises, foram aplicados questionários com questões abertas, por meio de entrevistas semi-estruturadas presencialmente, no primeiro semestre de 2016. Para Marconi e Lakatos (2009), entrevista é um meio básico para se coletar dados, tratando-se de uma conversa verbal, e que, a do tipo semiestruturada, permite o controle de investigar mais extensamente determinada questão.

Para a apresentação do caso, também foi utilizada pesquisa documental, no documento institucional Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI UFSC 2015-2019. Para Marconi e Lakatos (2012), esse tipo de coleta pode advir no momento em que o fenômeno ocorre ou após.

Os dados foram analisados por meio do método interpretativo, em que as bibliografias utilizadas subsidiam a interpretação dos fatos levantados. Triviños (1987) alega que ocorre uma conexão entre o material produzido e o referencial teórico, procedendo-se reflexões com embasamento nos materiais empíricos e o inter-relacionamento entre os fatos.

4 ANÁLISE DE RESULTADOS

4.1 A UFSC

A Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, criada em 1960, é o caso desta pesquisa. Sendo uma instituição sediada em Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, oferece à sociedade ensino de forma gratuita e pública, concomitante a realização de pesquisas e extensão. Além de sua sede na capital, a UFSC está presente em outras quatro localidades do Estado (UFSC, 2015a), sendo nas cidades de Araranguá, Blumenau, Curitibanos e Joinville.

No vestibular do ano de 2016, foram ofertadas 6.622 vagas em 119 cursos de graduação (UFSC, 2016). Em 2016, contava com 165 cursos de pós-graduação, incluindo especialização, mestrado acadêmico, mestrado profissional e doutorado, com 5.886 alunos matriculados (UFSC, 2016). Para a educação infantil e ensino médio, a UFSC abriga um Colégio de Aplicação (CA) e um Núcleo de Desenvolvimento Infantil – NDI (UFSC, 2015a).

A institucionalização da internacionalização da UFSC pode ser identificada por meio de seus documentos formais. Um deles é o Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI, cuja vigência é do período de 2015 a 2019. Um de seus valores é ser internacionalizada, de forma que seja “uma instituição capaz de intensificar parcerias e convênios com instituições internacionais, contribuindo para o seu desenvolvimento, o do Brasil e o de outras nações.” (UFSC, 2014, p. 23). Como políticas de ensino voltadas para a internacionalização, o documento delineou o objetivo 13, visando ampliar a internacionalização de suas atividades. Foram estabelecidas as seguintes metas (UFSC, 2014, p. 43):

- Incrementar ações e projetos de cooperação internacional;
- Fomentar a cooperação institucional, interinstitucional, nacional e internacional em redes de pesquisa, principalmente as de alta complexidade;
- Fomentar a participação de docentes, discentes e servidores técnico-administrativos em eventos científicos internacionais para apresentação de trabalhos;
- Ampliar a publicação em revistas indexadas em bases de referência internacional;
- Incentivar o intercâmbio internacional do corpo discente e programas de dupla titulação e de cotutela.

O diagnóstico apresentado no PDI da UFSC aponta que aproximadamente 2% dos estudantes da instituição participam de ações de internacionalização, o que inclui os acadêmicos de intercâmbio temporário (graduação sanduíche) ou de convênios (PEC-G, PEC-

PG, PAEC-GCUB). Há de se mencionar também que, 10% dos estudantes regulares têm realizado intercâmbio no exterior. Ao final do quinquênio, tem-se a expectativa de que 25% dos alunos tenham experiência internacional (UFSC, 2014).

4.2 MOTIVAÇÕES E EXPECTATIVAS

Na sequência são apresentados quadros elaborados por meio de entrevistas realizadas com o público alvo da pesquisa. Inicialmente, o primeiro quadro apresenta os motivos para a escolha do país para a realização do intercâmbio.

Quadro 1 Motivos para escolha do país para realizar o intercâmbio

a)	Língua inglesa, dificuldade de ir para lá em outro momento ou oportunidade, possibilidade de trabalhar (...), beleza e cultura do país.
b)	Bolsa de estudos.
c)	Baixo custo de vida e não necessidade de TOEFEL/IELTS.
d)	Queria um país europeu que não falasse inglês.
e)	Língua espanhola, (...) Cultura do país.
f)	Argentina: Língua [espanhola] que eu ia aprender e a possibilidade de por trabalhar para pagar minhas despesas. Canada: Inglês.
g)	Eu já tinha feito intercâmbio antes, cultural, eu sempre quis fazer intercâmbio independente se fosse algo social ou se fosse da universidade, então eu sempre tive vontade de conhecer outras culturas, outros países, aproveitando que eu estava na universidade, para aprimorar também o meu conhecimento eu mais ainda eu decidi ir para a Alemanha.
h)	(...) bolsa de intercâmbio e pela língua [inglês].
i)	Eu já tinha feito intercâmbio antes, cultural, eu sempre quis fazer intercâmbio independente se fosse algo social ou se fosse da universidade, então eu sempre tive vontade de conhecer outras culturas, outros países, aproveitando que eu estava na universidade, para aprimorar também o meu conhecimento eu mais ainda eu decidi ir para a Alemanha.
j)	Eu escolhi ir para lá porque já tinha uma amiga minha que estava estudando nessa universidade, e ela disse que eles recebiam super bem que davam (...) apoio e achei diferente porque eu nunca tinha pensando em ir para a Alemanha, e aí comecei a considerar e escolhi ir para lá.
k)	(...) língua inglesa que (...) queria aperfeiçoar (...), oportunidade da bolsa (...), era um país que eu já tinha curiosidade de conhecer pela cultura, pessoas (...).
l)	(...) oportunidade de bolsa.
m)	Eu não escolhi o país, eu escolhi a Universidade, que conseqüentemente era na Alemanha. Escolhi por indicação de outros colegas que eram da ação júnior e já foram para lá e pela concepção da Universidade e eu acabei querendo ir para lá também para aprender um pouco mais.
n)	Porque já era da minha cultura familiar (...) achava interessante (...) é um país muito desenvolvido.
o)	(...) manter o estudo acadêmico e a língua [alemão] com intuito de aprendizado.

Fonte: Elaborado pelos autores.

A partir dos relatos apresentados no quadro anterior, em especial dos entrevistados *a*, *e*, *f*, *g*, *h*, *k* e *o*, constata-se que a língua foi um dos motivadores para a escolha do país onde

realizariam o intercâmbio, mesmo que diferente de seu país de origem tinham a intenção de aprender ou aprimorar uma nova. Destaca-se o caso do entrevistado *f*, que realizou dois programas de intercâmbio e nos dois, foi motivado pela língua que iria aprender ou aprimorar.

Para os entrevistados *c* e *d*, o motivo também foi a língua, mas o primeiro foi motivado a escolher um país que não precisasse de *Test of English as a Foreign Language* (TOEFL), ou *International English Language Testing System* (IELTS). Presume-se que se procurassem um país que não falasse a língua inglesa, pois a maioria dos países com essa língua oficial exige esse teste de estrangeiros para que estudem em suas universidades. No mesmo sentido, tem-se o entrevistado *d*, que procurava um país que não falasse inglês.

Essas constatações estão de acordo com Stallivieri (2009), que cita que a língua vigente de um país é um dos motivadores para escolha do mesmo. O Ministério do Turismo (2010) também coaduna a autora, ao afirmar que fatores linguísticos influenciam na escolha de um país.

A segunda constatação extraída dos relatos dos entrevistados *a*, *e*, *i*, *k* e *n*, é referente ao fator cultural, que também motiva a escolha do país para a realização do intercâmbio. Richards e Wilson (2003) confirmam esse fator ao citarem sobre a exploração e o conhecimento de novas culturas. Há de se destacar o caso do entrevistado *n*, que buscou semelhanças com o seu país de origem, reforçando a ideia de Stallivieri (2009), quando esta menciona a cultura familiar como motivador. O Ministério do Turismo (2010) enquadra essa questão como fatores históricos.

Conhecer pessoas novas foi relatado pelo entrevistado *k*, estando esse fator motivador para a escolha de um país, abrangido no entendimento de Richards e Wilson (2003). A bolsa de estudos é indicada pelos entrevistados *b*, *n*, *l* e *k*, que é legitimado por Stallivieri (2009), ao citar a oportunidade e a facilidade como motivador, enquanto que o Ministério do Turismo (2010) só trata como oportunidade. O entrevistado *a* complementa ao dizer da dificuldade de ir para o exterior em outro momento ou oportunidade.

Além da menção do recebimento de bolsa como fator motivador, também está relacionada como oportunidade, a realização de trabalhos fora do país, o que foi mencionado pelos entrevistados *a* e *f*. Reafirma o entendimento do Ministério do Turismo (2010) sobre trabalhar fora como motivação para escolha de um país.

A aprendizagem também foi colocada em destaque pelos entrevistados *f*, *i* e *m*, sendo mencionada pelo Ministério do Turismo (2010) sobre estudar fora, e por Richards e Wilson (2003) sobre o aumento de conhecimentos. A fala do entrevistado *o* sobre manter o estudo acadêmico reforça esse posicionamento.

O entrevistado *c* diz sobre o baixo custo de vida para a escolha do país para intercâmbio, o que é declarado pelo Ministério do Turismo (2010) sobre os fatores econômicos.

O entrevistado *i* cita ainda outros dois fatores que influenciam a escolha de um país para intercâmbio. O primeiro refere-se a vontade de conhecer outros países, como confirmado pelo Ministério do Turismo (2010), sobre explorar outros países, ou por Richards e Wilson (2003), que citam conhecer lugares novos como uma motivação. O segundo fator mencionado pelo entrevistado *i* afirma que já havia realizado intercâmbio cultural e que gostaria de realizar outro intercâmbio. Nesse caso, pode ser enquadrado como motivações pessoais, apontado por Ministério do Turismo (2010) como motivações pessoais. O entrevistado *g* também alega já conhecer o país e se sentir confortável em ir para o mesmo realizar intercâmbio.

O entrevistado *j* afirma que teve influência de uma amiga que estava realizando intercâmbio em uma universidade, recebendo bons *feedback* da instituição, como a mesma ser receptiva com estudantes estrangeiros. Stallivieri (2009) menciona esse fator da influência de amigos ou familiares para realização de intercâmbio, e segue raciocínio similar sobre o contato social e experiência individual citado por Richards e Wilson (2003).

A qualidade da instituição pode ser um critério a ser adotado para a realização de um intercâmbio em determinado país, como afirmam Stallivieri (2009) e Ministério do Turismo (2010), e identificada na fala do entrevistado *m*, cuja universidade foi escolhida antes da escolha do país. Já o entrevistado *n* destaca o interesse e o desenvolvimento do país, classificado, por Stallivieri (2009), como localização da instituição, ou pelo Ministério do Turismo (2010) como fatores econômicos afirmados, ou também por Richards e Wilson (2003) com novas vivências e experiência individuais.

Além da escolha do país para a realização do intercâmbio, os entrevistados relataram as motivações para a busca de um programa de intercâmbio. O quadro seguinte apresenta os relatos sobre o assunto.

Quadro 2 Motivações para buscar um programa de intercâmbio

a)	Inglês, experiência de vida, melhorar o currículo, conhecer lugares novos e estudar.
b)	Curiosidade em conhecer uma outra cultura e ter um diferencial profissional.
c)	Experiência de vida fora do país, aprimoramento da língua, conhecer novas culturas [alemã].
d)	Experiência pessoal e profissional e aprendizagem de um novo idioma [espanhol].
e)	Experiência no exterior, novas culturas, língua nova [espanhol].

f)	Aprender uma nova língua [espanhol e inglês], ter a experiência para o mercado de trabalho, aprender sobre novas culturas, aprender a superar desafios e coisas inesperadas, conhecer mais gente de fora.
g)	Aprendizado (...) sempre quis fazer um intercâmbio e (...) sabia que após a formatura, iria me inserir no mercado de trabalho e viajar por meses para outro país seria cada vez mais difícil.
h)	Aprender inglês, ter uma experiência internacional, sair um pouco do comodismo de morar com a família, ter mais chances no mercado com uma experiência internacional no currículo.
i)	Sempre tive interesse, sempre quis conhecer novas culturas e tudo mais, desde o primeiro dia que eu entrei na universidade já queria fazer intercâmbio, da AIESEC, ou em parcerias de UFSC.
j)	(...) crescimento pessoal, se virar em outro lugar e também o profissional.
k)	Aperfeiçoamento profissional pela experiência que teria, aperfeiçoamento da língua [inglês] e também pelo motivo pessoal, (...) queria a questão de sair da minha caixinha (...) e abrir os horizontes.
l)	Crescimento pessoal, adquirir conhecimentos novos.
m)	(...) primeiro aprimorar o inglês e entender um pouco mais a administração global [de outro ponto de vista] (...).
n)	Eu queria aprimorar a língua [inglesa], aprender uma nova língua que é o alemão, queria conhecer outro país e ter essa experiência de morar fora e por causa da universidade que ia ser uma grande experiência.
o)	Primeiro era uma experiência pessoal em outra cultura (...), segundo agregar algo para o meu currículo (...) que fosse algo positivo que me abrisse portas, oportunidades.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Aprender e aperfeiçoar uma nova língua são fatores citados como motivadores para realização do intercâmbio pelos indivíduos *a*, *c*, *d*, *e*, *f*, *h*, *k*, *m* e *n*. O entrevistado *n*, por exemplo, tinha interesse em aprimorar a língua inglesa, e ainda aprender uma língua nova, o alemão, em virtude de seu intercâmbio ter sido realizado na Alemanha. Stallivieri (2009) declara que a língua vigente no país é um dos motivadores para a realização do programa de intercâmbio, o que o Ministério do Turismo (2010) denomina de fatores linguísticos, tanto para realização de curso de língua ou aperfeiçoamento.

É mencionado pelos entrevistados, conhecer e vivenciar novas culturas, conforme apontamentos de *b*, *c*, *e*, *f*, *i* e *o*. Richards e Wilson (2003) citam que explorar e conhecer novas culturas são motivos que levam a realização do programa de intercâmbio.

Os entrevistados *a*, *d*, *h*, *j*, *k*, *l*, *n* e *o* apontam a experiência pessoal como motivador para realizar intercâmbio, visando crescimento, experiências em morar no exterior ou somente para ter uma experiência pessoal diferenciada. É uma opção reafirmada pelo Ministério do Turismo (2010), ao tratar da motivação pessoal para praticar o intercâmbio, bem como por Richards e Wilson (2003), acerca de ter novas vivências e experiência individual.

Obter experiência profissional quando se realiza um programa de intercâmbio foi citada pelos entrevistados *a*, *b*, *d*, *f*, *j*, *k* e *o*, sendo tratado pelo Ministério do Turismo (2010)

como desenvolvimento profissional, por ser um dos motivadores da realização do programa de intercâmbio. A experiência no exterior foi mencionada por *c*, *e* e *n*, podendo ser relacionada com o desenvolvimento profissional e pessoal.

O entrevistado *f* indicou sobre conhecer novas pessoas, como abordado por Richards e Wilson (2003), motivação semelhante ao que alega o entrevistado *a* sobre conhecer novos lugares. Os entrevistados *g* e *n* optaram por viajar para outro país para realizar intercâmbio.

Adquirir conhecimentos é citado pelos indivíduos *g*, *l* e *m* como motivador da realização do programa de intercâmbio, corroborando com Richards e Wilson (2003), quando dizem sobre aumentar os conhecimentos como motivação para procurar ou realizar um programa de intercâmbio. O entrevistado *n* refere-se especificamente a experiência na universidade como motivador, o que indica obter um aprendizado diferenciado.

Além dos motivos apresentados para a escolha do intercâmbio, os entrevistados *g* e *i* citam que sempre tiveram interesse em realizar um programa de intercâmbio, ao passo que o indivíduo *k* almejava querer abrir seus horizontes. O entrevistado *n*, por sua vez, apontou que queria ter a experiência de morar no exterior.

Os entrevistados foram indagados sobre suas expectativas em relação a realização do intercâmbio, sendo que o quadro seguinte apresenta as percepções expostas.

Quadro 3 Expectativas em relação ao intercâmbio

a)	Aprender inglês, juntar dinheiro, trabalhar, melhorar meu currículo e conhecer lugares diferentes.
b)	Minha expectativa era a de que eu estaria conhecendo uma nova cultura, poderia praticar o idioma inglês e quem sabe achar um emprego na área administrativa.
c)	Conhecer muitas pessoas, aprender um novo idioma [alemão], estudar em uma universidade incrível com ótimos professores.
d)	Criar maior independência, realização e crescimento pessoal e aprender um novo idioma [espanhol] e cultura [espanhola].
e)	(...) viagem, conhecimento e intercâmbio cultural
f)	Aprender (...) inglês/espanhol, viajar (...), conhecer muita gente que se tornassem (...) amigos.
g)	Aprendizado, evoluir. Eu nunca havia morado longe da família e também sentia que o curso de Administração da UFSC estava um pouco atrasada em relação à muitas disciplinas. Queria saber o que estavam ensinando lá fora.
h)	Que eu iria voltar falando fluentemente [inglês], iria ter as melhores experiências da vida, faria muitos amigos.
i)	Minhas expectativas eram aprimorar meu inglês, fazer amizade com estrangeiros, aprender bastante sobre empreendedorismo, tecnologia, inovação que é algo que a gente não tem forte no nosso currículo, na nossa grade, tem uma matéria mais ela é fraca e algo que eu gosto dentro da administração, então eu fui para lá pensando em adquirir bastante conhecimento nessa área.
j)	Aperfeiçoar o meu inglês porque as aulas que eu fazia lá eram em inglês; aprender alemão e conhecer vários lugares novos.

k)	Expectativa de melhorar o meu inglês; verificar como que é o aprendizado lá nas aulas já que eu fui fazer administração então como que era a qualidade o que era diferente lá com o Brasil; expectativa de conhecer pessoas com culturas diferente, modo de pensar, ver o mundo diferente.
l)	Experimentar novas vivências, entrar em contato com novas culturas e aprender administração sobre um ponto de vista de outra cultura.
m)	(...) em relação a administração, por exemplo: (...) primeiro que no próprio curso de administração na Europa funciona assim eles passam 2 anos tendo administração geral e depois eles já tem o específico, então eles já se formam com especialidade, empreendedorismo, marketing e etc. Eu era a única da sala que só fazia administração geral, e todos ficaram assim como assim geral? E queria entender como funcionava tanto para os estudantes que seriam meus colegas de trabalho no exterior, como que funciona essa administração e também como que é a concepção lá, por exemplo: aqui nos citamos muito o McDonalds, e lá eles citam muito Starbucks, Johnsons e Johnsons, eles focam muito em outros tipos de empresa e eu queria entender um pouco mais como funciona o mercado lá, entender como que está mais desenvolvido, como eles tem uma concepção mais sólida e aqui estamos iniciando os trabalhos.
n)	Que eu aprendesse alemão, experiência nova na universidade, aprimorar o inglês.
o)	Primeiro eu tinha basicamente 3 expectativas, uma era aprender a língua, o alemão, outra era desenvolver academicamente e a terceira era o crescimento pessoal.

Fonte: Elaborado pelos autores.

A expectativa de aprender ou aprimorar uma língua estrangeira foram apontados pelos entrevistados *a, b, c, d, f, h, i, j, k, n* e *o*. O entrevistado *f*, por exemplo, explicou que realizou dois programas de intercâmbio, e que em cada um deles tinha expectativa de aprender a falar a língua vigente no país. Os entrevistados *j* e *n*, por sua vez, afirmaram que tinham expectativa de aprimorar o inglês, já que as aulas eram ministradas em inglês, e aprender a falar alemão, que era a língua falada no país. Dalmolin et al. (2013) confirmam, à luz da literatura, sobre as expectativas de aprimorar um idioma.

Além da língua, é possível identificar nas entrevistas, a expectativa de se ter um aprendizado diferenciado, sobre administração de um ponto de vista diferente, com a aquisição de novos ou aumento dos conhecimentos e desenvolvimento acadêmico. É o que relataram os entrevistados *e, c, g, l, m, n, k* e *o*, estando referendado por Richards e Wilson (2003), ao indicarem estudantes que possuíam a expectativa de aumentar conhecimentos. Destaque para a situação do entrevistado *m*, que gostaria de entender como as empresas e o mercado funcionam no exterior, bem como verificar como os estudantes estrangeiros pensam e se diferenciam dos brasileiros nesse aspecto. Visando o aprendizado, o indivíduo *i* possuía a expectativa de aprender sobre empreendedorismo, tecnologia e inovação, por considerar que é um ponto que quase não é ensinado no curso de administração de sua instituição. De modo análogo, o entrevistado *k* possuía o interesse em saber a diferença do aprendizado em uma instituição internacional.

Houve relatos também de expectativas de entrar em contato com outras culturas, como nos casos dos indivíduos *b*, *d*, *k* e *l*. Richards e Wilson (2003) consideram explorar e conhecer novas culturas como expectativas de um intercâmbio, semelhante ao que entende o Ministério do Turismo (2010), ao mencionar conhecer lugares e novas culturas. Dalmolin et al. (2013) reforçam que o intercâmbio gera uma oportunidade de compreender outras culturas.

O crescimento pessoal é apresentado na literatura, como expectativa na realização do intercâmbio, por Dalmolin et al. (2013). Oliveira e Pagliuca (2012) acrescentam, também, o crescimento profissional, por entenderem ser importante para o desenvolvimento psicológico, para a autoconfiança, o amadurecimento, a independência e a capacidade de se relacionar com outras pessoas. Nesse caso, o entrevistado *a* destacou essa expectativa.

São estímulos para a expectativa de realização de intercâmbio, discutido pelos entrevistados *a*, *e* e *f*, conhecer novos lugares e viajar e pelos entrevistados *a*, *f*, *h* e *i*, por conhecer pessoas. Richards e Wilson (2003) e o Ministério do Turismo (2010) contemplaram as situações de conhecer pessoas novas e lugares novos como expectativa para um intercâmbio.

Além dos casos apresentados, os entrevistados *a* e *b* possuíam a expectativa de conseguir um emprego, sendo que o primeiro almejava juntar dinheiro, enquanto que o segundo almejava atuar na área administrativa.

Os mesmos entrevistados que foram consultados quanto as expectativas em relação ao intercâmbio, foram posteriormente indagados se suas expectativas foram concretizadas. O levantamento é apresentado no quadro seguinte.

Quadro 4 Expectativas que foram realizadas.

a)	Conheci lugares diferentes e trabalhei.
b)	Tirando questão do emprego, todas as outras expectativas foram superadas. Tive contato com pessoas de mais de 15 países diferentes, imerso na cultura e praticando inglês diariamente.
c)	Basicamente nenhuma, me deparei com um povo extremamente fechado, tive muita dificuldade para me inserir na cultura alemã, e por conta disso acabou que meus amigos eram em sua maioria brasileiros.
d)	Todas se realizaram e foram mais intensas do que esperava.
e)	Todas elas.
f)	Aprendi a língua, mas ainda sim achei que não foi suficiente (nos dois intercâmbios) Conheci bastante gente, mas pouquíssimas são as pessoas que falo até hoje. A grande parte dessas pessoas que conheci também eram intercambistas. Quase não me relacionei de meu país.
g)	Todas se concretizaram e foram além. (...) Fiz duas faculdades públicas, 6 estágios, projeto de extensão, Empresa Júnior... Nada se comparou ao intercâmbio.
h)	Todas se concretizaram, menos (...) em relação a voltar fluente, pois descobri que para o meu nível de inglês eu precisaria ficar mais tempo por lá.

i)	Aprimorar o inglês, amizade com estrangeiros, não foi tão forte quanto a matéria em si de empreendedorismo e inovação.
j)	Inglês e conhecer lugares novos.
k)	Dessas que eu falei, todas. A questão de conhecer pessoas se superou pois não fiquei focada só nas pessoas nativas do Canadá.
l)	Eu tive muitas experiências de vida; aprendi muito sobre administração tanto sobre enfoque dado pela universidade alemã que diferente do enfoque dado aqui. Todas as minhas expectativas foram alcançadas.
m)	Todas.
n)	Tive uma experiência nova na universidade, aprendi bastante, aprimorei o inglês.
o)	Desenvolvi bastante a língua alemã, não cheguei a fluência mas estou próximo disso, então com isso eu sai satisfeita; em questão acadêmica não era algo que eu esperava além do que já vi no Brasil, algo que não existisse, não me surpreendeu, não havia algo acadêmico que fosse inovador que eu fosse aplicar diretamente aqui no Brasil; o crescimento pessoal.

Fonte: Elaborado pelos autores.

O entrevistado *a* tinha como expectativas aprender inglês, juntar dinheiro, trabalhar, melhorar seu currículo e conhecer lugares diferentes. Porém, somente conseguiu conhecer lugares novos e trabalhar. O entrevistado *b* possuía a expectativa de conhecer novas culturas, praticar inglês e encontrar um emprego na área administrativa, dos quais, somente não conseguiu encontrar um emprego. O entrevistado *c* esperava conhecer muitas pessoas, aprender o idioma alemão e estudar em uma universidade com ótimos professores, mas diz ter se sentido decepcionado ao encontrar um povo pouco receptivo, encontrando dificuldades para se introduzir na cultura alemã, sendo que, a maioria dos novos amigos era brasileira.

Os entrevistados *d*, *e*, e *i* tiveram todas as suas expectativas alcançadas, quais sejam desenvolver maior independência, realização e crescimento pessoal, aprender novo idioma, conhecer uma nova cultura ou aprender sobre administração sob o ponto de vista de outra cultura.

O entrevistado *f*, que anteriormente ao intercâmbio esperava aprender inglês e espanhol, viajar e conhecer muitas pessoas que se tornassem amigos; alegou que aprendeu sobre as duas línguas, mas não o suficiente para a fluência em ambas e que, apesar de ter conhecido várias pessoas, essas não se tornaram amigas para a vida. Sobre viajar, não logrou êxito nessa expectativa.

Para o entrevistado *g*, que antes da viagem almejava aprender e evoluir, além de sentir que estava atrasado em relação a muitas disciplinas no curso que realizava, diz ter concretizado suas expectativas, e que foi mais intenso do que esperava. O entrevistado *h* desejava fluência na língua inglesa, melhorar a experiência de vida e fazer muitos amigos. Excetuando a fluência, que demandaria passar mais tempo no país, as demais expectativas foram conquistadas. O indivíduo *i* vislumbrava, entre outras questões, adquirir conhecimentos

significativos sobre empreendedorismo e tecnologia; no entanto, alega que não aprendeu nada novo em relação a esses temas.

O indivíduo “j” esperava aperfeiçoar o inglês, aprender alemão e conhecer lugares novos, e apenas aprender alemão não foi concretizado. A dificuldade em aprender fluentemente a língua alemã, também foi relatada pelos entrevistados *o* e *n*.

De modo a atender os objetivos da pesquisa, o questionário verificou com os entrevistados se as expectativas, além de conquistadas, foram superadas. Os dados são apresentados no quadro a seguir.

Quadro 5 O que ocorreu além das expectativas.

a)	Nada.
b)	Nada.
c)	As aulas tive alguns professores muito bons, mas outros péssimos o que eu achava que não aconteceria.
d)	Nada.
e)	Nada (...),
f)	Nada.
g)	Nada.
h)	O que ocorreu além das minhas expectativas foi com os amigos que eu fiz, que tenho contato até hoje e moram no Canadá. Além disso, o intercâmbio mudou minha forma de me comunicar e aumentou minha autoconfiança.
i)	Principalmente em relação à cultura, aprender a lidar com pessoas diferentes que pensam diferente e que a comunicação é complicada, e lidar com situações adversas.
j)	Amizades estrangeiras, eu não tinha expectativa em fazer muitos amigos, mesmo porque eu já fui com duas amigas e conhecer nacionalidades bem estranhas que eu nunca tinha pensado em conhecer.
k)	As viagens (...).
l)	Vivências e situações pelas quais passei e me fizeram crescer pessoalmente, as quais eu não tinha pensado que ocorreriam. Entrar em contato com pessoas de diversas idades, em diversas ocasiões ter que viajar e passar tempo com pessoas desconhecidas, enfim a maioria das experiências tem há ver com entrar em contato com culturas novas, e pessoas.
m)	Principalmente o que eu não contava era o desenvolvimento pessoal, porque morar no exterior, com outra língua, eu não sabia falar alemão, só o inglês, se virar, (...) o desenvolvimento e a maturidade emocional (...) e a independência.
n)	Consegui a viver a cultura do país, conheci mais gente do que eu esperava, fiz mais amizades do que eu esperava.
o)	Justamente essa parte de crescimento pessoal eu não estava esperando que fosse me desenvolver tanto em adaptação, eu consegui me adaptar a outras culturas não só a alemã mas também lá o contato com culturas de outros países, com outros intercambistas.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na percepção dos entrevistados *a*, *b*, *d*, *e*, *f* e *g*, nada de diferente aconteceu em relação as expectativas anteriores a realização do intercâmbio. Mas para os entrevistados *i*, *l*, *n* e *o*, a questão cultural superou as expectativas, o que é compreensível, a partir do que entendem Richards e Wilson (2003), Ministério do Turismo (2010) e Dalmolin et al. (2013).

Para os entrevistados *i*, *l* e *o*, a superação ocorreu quando tiveram que lidar com pessoas de culturas diferentes, tornando a comunicação um desafio. O entrevistado *h*, por exemplo, alega que fez amigos de outras nacionalidades, enquanto que o indivíduo *n* conviveu com pessoas de culturas diferentes. Esses pontos são vislumbrados por Richards e Wilson (2003), ao explanarem sobre conhecer pessoas novas e ter maior contato social, enquanto que Oliveira e Pagliuca (2012) comentam sobre a capacidade de relacionar-se, ao passo que Dalmolin et al. (2013) entendem que compreender outras culturas que pode ser considerado sobre aprender a se comunicar, conviver e lidar com pessoas de culturas diferentes.

O desenvolvimento e crescimento pessoal, que são apontados pelo Ministério do Turismo (2010) e por Dalmolin et al. (2013), foi indicado pelos entrevistados *l*, *m* e *o*. Como ponto negativo, o entrevistado *c* afirma que teve professores ruins, o que é considerado por Richards e Wilson (2003) como situações adversas.

5 CONCLUSÕES

É possível concluir que a internacionalização das instituições faz parte do mundo globalizado e, como os conhecimentos precisam ser renovados, a mobilidade acadêmica, por meio do intercâmbio de estudantes, tem papel fundamental nessa jornada.

A efetivação da internacionalização em uma instituição de educação superior demanda a institucionalização de ações concretas. No caso estudado, a Universidade Federal de Santa Catarina institucionalizou suas ações de internacionalização por meio de seu Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI, que abrange o período de 2015 a 2019. Foi possível verificar que há ações já efetivadas e outras em andamento, visando à mobilidade estudantil estrangeira.

Referente às motivações para a escolha do país de realização do intercâmbio, constatou-se que o aprendizado de uma nova língua estrangeira foi uma das principais razões de seleção do país, acompanhada também por razões culturais, conhecer novas pessoas, parentesco e oportunidades financeiras.

As motivações também foram analisadas sob a perspectiva da escolha dos programas de intercâmbio, em que, novamente, o programa que proporcionou uma nova língua, foi uma das motivações de sua seleção. Foram relatados casos de vivenciar novas culturas, a experiência pessoal, profissional, conhecer novas pessoas, adquirir conhecimentos ou simplesmente o anseio de viver no exterior.

Dentre as expectativas em relação ao intercâmbio, foi possível concluir que o aprendizado de uma nova língua esteve presente na maioria dos entrevistados. Mas além da

língua, houve expectativas também de se aprender algo diferenciado sobre a temática do curso de origem do intercambista, em especial sobre gestão, empreendedorismo e novas tecnologias. Conhecer novas culturas, crescimento pessoal e conquistar novo emprego também fizeram parte das expectativas apresentadas.

Ao se analisar se as expectativas foram realizadas, observou-se que aquelas inerentes ao intercâmbio foram concretizadas, especialmente o aprendizado de nova língua. Nem todas as expectativas foram realizadas na plenitude, principalmente no que se refere ao aprendizado fluente da nova língua. Houve relatos, porém, de situações que superaram as expectativas, como a vivência de novas questões culturais. Um ponto negativo que gerou frustração foi o relato de passar por professores ruins, tornando-se uma situação adversa.

REFERÊNCIAS

ALTBACH, Philip G.; KNIGHT, Jane. The internationalization of higher education: Motivations and realities. **Journal of studies in international education**, v. 11, n. 3-4, p. 290-305, 2007. Disponível em: <http://www.uni-kassel.de/wz1/mahe/course/module6_3/01_altbach07.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2015.

BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística aplicada às Ciências Sociais**. 8. ed. rev. Florianópolis: UFSC, 2012.

CASTRO, Alda Araújo; CABRAL NETO, Antônio. O ensino superior: a mobilidade estudantil como estratégia de internacionalização na América Latina. **Revista Lusófona de Educação**, n. 21, p. 69-96, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S1645-72502012000200005&script=sci_arttext&tlng=es>. Acesso em: 22 out. 2015.

DALMOLIN, Indira Sartori et al. Intercâmbio acadêmico cultural internacional: uma experiência de crescimento pessoal e científico. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 66, n. 3, p. 442, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v66n3/a21v66n3.pdf>>. Acesso em: 31 mai 2016.

DOS SANTOS SILVA, Claudia Cristiane; LIMA, Manolita Correia; RIEGEL, Viviane. Os fatores de motivação na definição de estudantes estrangeiros em mobilidade acadêmica internacional no Brasil. **Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL**, v. 6, n. 3, p. 232-251, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/1983-4535.2013v6n3p232>>. Acesso em: 23 out. 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2015.

KNIGHT, Jane. An internationalization model: responding to new realities and challenges IN: DE WIT, Hans. **Higher education in Latin America: The international dimension**. World Bank Publications, 2005. Disponível em:

<https://histpol.usp.ac.fj/worldbank2009/frame/Documents/Publications_regional/Higher_Ed_in_LAC_Intnal_Dimension.pdf#page=31>. Acesso em: 15 set. 2015.

KNIGHT, Jane. Internationalisation of higher education: a conceptual framework. IN: Knight, J.; Wit, H. **Internationalisation of Higher Education in Asia Pacific Countries**. v. 14, p. 249-259, 1997. Disponível em: <

<http://site.valenciacollege.edu/inz/library/Comprehensive%20INZ/Internationalisation%20of%20Higher%20Education%20in%20Asia%20Pacific%20Countries%20-%20Chapter%201.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2015.

KNIGHT, Jane. Internationalization remodeled: Definition, approaches, and rationales. **Journal of studies in international education**, v. 8, n. 1, p. 5-31, 2004.

Disponível em: <<http://jsi.sagepub.com/content/8/1/5.short>>. Acesso em: 15 set. 2015.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS; Eva Maria. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

LUNA, José M. F. De.. **Internacionalização universitária**. 2000. Monografia (Especialização) - Curso de Admisnistração Universitária, Universidade Católica de Goiás, Goiás, 2000.

MALHOTRA, Naresh et al.,. **Introdução a Pesquisa de Marketing**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Turismo de Estudos e Intercâmbio**: orientações básicas. 2.ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010. 72 p. Disponível em:

<http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_de_Estudos_e_Intercxmbio_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf>. Acesso em: 31 maio 2016.

NEVES, Antonio Maurício Castanheira das; NORTE, Angela Lopes. **Internacionalização e Mobilidade Acadêmica**: Princípios e Ações para o Sucesso de uma Parceria de Intercâmbio Acadêmico. 2011. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/36937/Internacionaliza%C3%A7%C3%A3o%20e%20mobilidade%20acad%C3%AAmica%20Princ%C3%ADpios%20e%20a%C3%A7%C3%B5es%20para%20o%20sucesso%20de%20uma%20parceria%20de%20i.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 2 nov. 2015.

OLIVEIRA, MG; PAGLIUCA, LMF. Programa de mobilidade acadêmica internacional em enfermagem: relato de experiência. **Revista Gaúcha Enfermagem**, n. 33, v. 1, p. 195-198, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472012000100026>. Acesso em: 31 mai 2016.

OTERO, Manuel Souto. The socio-economic background of Erasmus students: a trend towards wider inclusion?. **International Review of Education**, v. 54, n. 2, p. 135-154, 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1007/s11159-007-9081-9>>. Acesso em: 31 mai. 2016.

RICCIO, Edson Luiz; SAKATA, Marici Gramacho. A Internacionalização da Educação Superior: Uma Pesquisa com Alunos Intercambistas Franceses e Brasileiros da FEA– Faculdade de Economia Administração e Contabilidade da USP. **Cadernos PROLAM/USP**, v. 5, n. 9, p. 279-296, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/prolam/article/view/81815>>. Acesso em: 31 mai 2016.

RICHARDS, Greg; WILSON, Julie. **New horizons in independent youth and student travel: A report to the international student travel confederation (ISTC) and the association of tourism and leisure education (ATLAS)**. Amsterdam: International Student Travel Confederation, 2003. Disponível em: <http://www.atlas-euro.org/pages/pdf/FINAL_Full_Report.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2016.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005. 138p.

SOUTO, Álvaro José de; REINERT, José Nilson. **Cooperação Internacional Interuniversitária: O Caso da UFSC**. Florianópolis: UFSC, 2004.

STALLIVIERI, Luciane. **As dinâmicas de uma nova linguagem intercultural na mobilidade acadêmica internacional**. 2009. 234 f. Tese (Doutorado) - Curso de Línguas Modernas, Universidad del Salvador, Buenos Aires, 2009. Cap. 3.

STALLIVIERI, Luciane. **Estratégias de internacionalização da Universidades brasileiras**. Caxias do Sul: Edusc, 2004. 143 p.

TANOUE, A. D.; MORILAS, L. R. A internacionalização do ensino superior no Brasil: um estudo de caso das políticas da Universidade de São Paulo. IN: **III Fórum da Gestão do Ensino Superior nos Países de Língua Portuguesa**. 2013. Disponível em: <http://aforges.org/conferencia3/docs_documentos/SESSOES%20PARALELAS/2_Cooperacao%20Universitaria%20entre%20os%20Países%20e%20Regioes%20de%20Lingua%20Portuguesa/A%20Tanoue_A%20internacionalizacao%20do%20ensino.pdf>. Acesso em: 28 Jul. 2015.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

UFSC, COPERVE. **UFSC em números – 2007 a 2016**. Florianópolis: UFSC, 2016. Disponível em: <<http://dpgi.seplan.ufsc.br/files/2017/06/UFSC-EM-NUMEROS-2007-A-2016.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2015 – 2019**. Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em: <<http://pdi.ufsc.br/pdi-2015-2019/>>. Acesso em: 29 out. 2015.

UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina. **Relatório de Gestão 2015**. Florianópolis: UFSC, 2015a. Disponível em: < <http://dpgi.proplan.ufsc.br/files/2016/04/Relat%C3%B3rio-de-Gest%C3%A3o-2015.pdf>>. Acesso em: 20 mar 2016.